

RESENHA

AUDRIN, Francisco José Maria. *Sertanejos que eu conheci*. Coleção Documentos Brasileiros, Rio de Janeiro: José Olympio, p. 205, 1963.

*Maria de Fátima Oliveira**

Resumo

Francisco José M. Audrin, missionário francês da Ordem Dominicana, veio para o Brasil em 1903 no desempenho de funções sacerdotais. Viveu nos sertões do norte de Goiás (hoje Tocantins) e Pará por 34 anos.

Escreveu inicialmente a biografia do primeiro bispo de Porto Nacional, D. Domingos Carrerot, intitulada *Entre sertanejos e índios do Norte*. Neste livro, Francisco Audrin oferece um vislumbre de sua capacidade de relatar com autenticidade e linguagem acessível o cotidiano dessa região.

Os sertanejos que eu conheci, obra que pretendemos aqui comentar, é escrita também em linguagem direta e objetiva, embora perceba-se, por vezes, a presença de certo lirismo em sua narrativa, motivado provavelmente pelo fato de serem reminiscências.

O livro está dividido em duas partes: na primeira, o autor fala sobre as condições de vida do sertanejo, e, na segunda, discorre sobre sua mentalidade e seus costumes.

O autor aborda essa primeira parte da obra em nove capítulos. Nos dois primeiros, escreve sobre as caçadas. A partir do terceiro, discorre sucessivamente sobre as pescarias, a lavoura, a alimentação, a habitação, o vestuário, as doenças e a terapêutica e, finalmente, as viagens.

Podemos dizer que, nessa primeira parte do livro, o autor se refere aos aspectos físicos da vida sertaneja.

* Mestranda do Programa de Mestrado em História das Sociedades Agrárias da Universidade Federal de Goiás.

Na segunda parte da obra, o autor apresenta, em dez capítulos, a mentalidade e os costumes dos sertanejos. São abordadas a fisionomia do sertanejo, a religião (em dois capítulos), as superstições, a família, as relações sociais, a instrução, os deveres cívicos, as relações entre sertanejos e índios, e finalmente, os jagunços sertanejos.

O sertanejo que o autor descreve aqui é o habitante de uma região que abrange os vales dos rios Xingu, Araguaia e Tocantins. Lembremos ainda que Francisco Audrin viveu várias décadas nessa região, participando dos problemas, dificuldades e alegrias da vida simples e despojada dessa gente.

Esse sertanejo, de quem nos fala o autor, é um aglomerado étnico, resultante da mistura de baianos, goianos, piauienses, cearenses, maranhenses e paraenses, numa constante miscigenação com índios locais. Como resultado dessa mistura de diferentes correntes migratórias originou-se um processo de vida diferente, formando nessa região uma nova identidade.

A leitura de *Os sertanejos que eu conheci* torna-se, às vezes, idílica. Esse sertanejo vive em paz consigo e com a natureza, numa suficiência sóbria e numa profunda sabedoria humana. É um homem quase sem defeitos, e, quando os apresenta, a sua ‘condição’ os justifica.

A obra de Francisco Audrin não pode ser comparada com a de viajantes estrangeiros como Saint-Hilaire, Gardner e Pohl. Também não podemos compará-la com relatórios oficiais, nem com anotações feitas por turistas que, de passagem, escreviam sobre os lugares e as pessoas. Isso porque o autor conviveu com os sertões e com o sertanejo por longos anos, fazendo dessa região a sua segunda pátria.

A narrativa do autor, como ele próprio explica, se mantém no “modesto terreno das realidades concretas, fugindo a especulações filosóficas e teorias científicas”.

É importante ainda lembrar que o autor nos mostra um sertanejo diferente do encontrado na literatura de escritores goianos como Hugo de Carvalho Ramos e, mais recentemente, Bernardo Élis. Enquanto esses dois escritores dão uma visão do homem do sertão sob o jugo dos coronéis, num clima de opressão e dependência, o sertanejo descrito por Francisco Audrin é, ao contrário, um homem feliz, satisfeito e com muita liberdade.

Ressaltamos, porém, que o principal valor dessa obra está na sua importância como fonte documental do período correspondente a quase

toda a primeira metade do século XX, pois se esses traços culturais ainda não desapareceram por completo, estão se modificando rapidamente devido à onda de modernização na região.

Concordamos, finalmente, com a afirmação de Alceu Amoroso Lima, no prefácio da obra: “O livro é um dos documentos mais objetivos que já se escreveram sobre um Brasil que está em vias de desaparecer.”